

Ousadia e rebeldia para defender a democracia: a cultura e o discurso do Levante Popular da Juventude nos embates contra Michel Temer ¹

Camila Garcia Coelho²
Alexandre Barbalho³
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Apresentamos uma reflexão sobre a articulação dos conceitos de cultura e hegemonia com a ação do Levante Popular da Juventude (LPJ) durante a resistência ao governo do ex-presidente do Brasil, Michel Temer, que assumiu o país após o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Para este artigo, sistematizamos o conteúdo das letras de músicas produzidos pelo LPJ, pensadas para animar sua militância e propagar suas ideias, durante as atividades da agenda nacional dos movimentos em defesa da democracia, nos anos de 2016, 2017 e 2018. Utilizamos uma metodologia qualitativa articulada com a Teoria Política do Discurso de Mouffe e Laclau para identificar os elementos que representam a defesa da democracia reivindicada pelo LPJ e as práticas articulatórias que realizam na construção da narrativa sobre o golpe no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Hegemonia cultural, movimentos sociais, teoria do discurso, Levante Popular da Juventude.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado sobre a política cultural construída pelo Levante Popular da Juventude e o discurso de defesa da democracia reivindicado pelo movimento. Desde o processo que desencadeou o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT), ainda em 2015, temos acompanhado e registrado diversas atividades nas quais o LPJ soma-se a outros movimentos sociais para lutar por democracia e direitos. São iniciativas como manifestações de rua (como as contra o impeachment, a reforma trabalhista e a reforma da Previdência), ou de caráter mais organizativo (reuniões, formações, seminários e etc).

Nesses momentos, como é bastante presente e relatado nos movimentos de juventude, a arte e a cultura revelam-se marcas da participação do Levante, que se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: camilagarcia@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC). mail: alexandreameidabarbalho@gmail.com

apresenta com batucadas, bandeiras grafitadas e encenações. São comuns paródias de *hits* populares de funk e sertanejo universitário. Elas se mostram de fácil apreensão e devido a capilaridade de suas versões originais, causando empatia na juventude que participa das manifestações.

Para preparar este escrito, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa articulada com a Teoria dos Discursos de Ernesto Laclau (2005). O principal objetivo foi identificar que elementos representam a defesa da democracia reivindicada pelo LPJ e como eles se articulam na construção da narrativa sobre o golpe no Brasil. Partimos do levantamento de 14 cartilhas de músicas organizadas pelo Levante Popular da Juventude do Ceará, denominadas "Cancioneiros" que são produzidas e distribuídas para contribuir na animação das atividades do movimento. Nelas observamos a presença de muitas paródias, músicas popularizadas por outros movimentos e músicas que não foram feitas com a intencionalidade da luta social, mas que trazem reivindicações legitimadas pelo LPJ. Num momento posterior, pretendemos nos debruçar ainda mais sobre esse material e confrontá-los com entrevistas e registros feitos em um processo de observação participante.

A escolha da pesquisa qualitativa está relacionada com a sua orientação empírico-indutiva e multidimensional diante do objeto, se reportando ao futuro e ao passado para entender o presente, podendo impulsionar proposições teóricas ligadas à ação e a prática (DESLAURIERS e KERIST; 2008). Empregamos nessa análise uma combinação de métodos qualitativos, dentre eles a análise de conteúdo, registros em diário de campo e a Teoria Política do Discurso (LACLAU; MOUFFE, 2015). Entendemos que esses métodos privilegiam a descrição a mensagem emitida no processo de comunicação, seja por meio de falas ou de textos. Para além da mensagem atitudes atreladas ao contexto da enunciação devem ser consideradas, bem como as inferências sobre os dados coletados (MINAYO, 2007).

Já a utilização da lente de análise oferecida pela Teoria Política do Discurso (TPD), desenvolvida por Chantal Mouffe e principalmente por Ernesto Laclau (2005, 2015,) tem ligação direta com a reflexão que realizamos sobre cultura e disputa de hegemonia. Os autores possuem uma importante contribuição sobre as questões políticas que envolvem os sujeitos que se reivindicam socialistas.

Para Laclau e Mouffe (2015) as relações sociais são como construções políticas que envolvem relações de antagonismos e o exercício do poder. A partir dessa

premissa, o discurso corresponde a uma totalidade fruto de uma prática articulatória na qual “não há nada fora do texto” (ou do discurso). No processo de articulação, o discurso se apresenta como uma identidade que busca impor suas vontades na concorrência com outras, visando, com isso, universalizar seus conteúdos particulares (MENDONÇA E RODRIGUES, 2008).

1. Movimentos sociais e o Levante Popular da Juventude

Apesar de possuírem muitas diferenças étnicas e culturais que estão diretamente relacionadas ao seus processos de desenvolvimento, os países da América Latina têm em comum a mesma raiz colonial européia, as lutas pelo fim da monarquia e por independência, contra ditaduras militares no século XX, o avanço de forças políticas neoliberais, a ascensão de governos desenvolvimentistas no século XXI e novamente ameaças à democracia com deposição de presidentes e escândalos de corrupção na segunda década dos anos 2000.

Ainda que aspectos históricos assumam particularidades em cada país, é latente os desafios que a América Latina enfrenta para consolidar e construir sociedades democráticas com igualdade, respeito a direitos humanos e participação cidadã. Vale registrar que nos momentos onde ocorreram a conquista de processos democráticos, eles aconteceram com a mobilização popular de movimentos sociais (LUCENA, 2017).

Popularmente utilizado para nomear ações coletivas, o termo movimento social pode assumir diferentes significados, dependendo da concepção teórica e política utilizada para conceituá-lo. O fato é que em diferentes períodos históricos temos a ação de grupos que influenciam às sociedades em busca de mudanças na sua condição. Assim acontece, desde as revoltas de escravos na antiguidade, às lutas trabalhistas na revolução industrial até os movimentos identitários no século XX (MOREIRA DA SILVA, 2018; KAUCHAKJE, 2010).

No Brasil, Ilse Scherer-Warren (2008) e Maria da Glória Gohn(2002) empreenderam um grande esforço de sistematização com alguns paradigmas sobre movimentos sociais que trazemos aqui para auxiliar a nossa reflexão. Em seus estudos, Gohn (2002) identifica a três principais correntes teóricas que se dedicaram ao tema:

1 - a histórico-estrutural, construída a partir dos escritos de Marx e daqueles que se orientam pelo seu trabalho. São exemplos Rosa de Luxemburgo, Lênin e

Gramsci, dentre outros. Nela, a classe trabalhadora como sujeito histórico das lutas sociais (GONH, 2002).

2 - a culturalista-identitária, bastante eclética, vai do idealismo kantiano à Escola de Frankfurt, chegando aos considerados pós-modernos, como Touraine, Melucci e Foucault. Trata dos nomeados 'novos movimentos sociais', onde as lutas identitárias (mulheres, jovens, índios, negros, LGBTis) ganham protagonismo e há uma crítica às abordagens estruturais, mas mantém diálogo com o marxismo (GONH, 2002).

3- a institucional/organizacional/comportamentalista, de influência norte-americana, principalmente da Escola de Chicago. Tem referencia no pensamento liberal, como o de Adam Smith, John Locke, J. S. Mill. Nela, os sujeitos da movimentação social são institucionalizados. O terceiro setor e alguns debates sobre as ONGs se amparam nesse estudos. A ênfase nas teorias macroestruturais e nas contradições sociais perdem força e dão lugar as lutas por inclusão (GONH, 2002).

Para nossa pesquisa, partimos de uma compreensão sobre as relações existentes entre as correntes histórica-cultural e o culturalista-histórica. Isso porque entendemos serem elas quem mais influenciaram os movimentos sociais na América Latina, essencialmente os que inspiram o Levante Popular da Juventude.

Em seu site, o Levante Popular da Juventude se apresenta como uma organização de jovens militantes que está voltada para a "luta de massas" em busca da transformação da sociedade. Em texto publicado no seu site no menu "quem somos" o movimento detalha sua descrição afirmando:

Somos a juventude do projeto popular, e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira. Somos um grupo de jovens que não baixam a cabeça para as injustiças e desigualdades. A nossa proposta é organizar a juventude onde quer que ela esteja. Deste modo, nos organizamos a partir de três campos de atuação: Frente Estudantil, Frente Territorial, Frente Camponesa. (www.levante.org.br/#about, acesso em 29 de junho de 2018).

Observa-se que o desejo por transformação social e a organização da juventude em um movimento de massa, que considere as demandas de grupos identitários (mulheres, negros e diversidade sexual) como fundamentais para a superação dos processos de exploração capitalista também são presentes nas ações do Levante, assim como verificado em seus documentos públicos e internos.

A partir da experiência da internacionalista da Via Campesina⁴ e, no Brasil, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)⁵, em 2005 a Assembleia Nacional da Consulta Popular⁶ estabelece como diretriz de sua ação para o próximo período "organizar a juventude da classe trabalhadora e, em especial, os jovens da periferia urbana". Tal tarefa ganha corpo em 2006, quando da realização de um encontro da Via Campesina no Rio Grande do Sul (em que ocorreu um acampamento de jovens com mais de 700 participantes, a maioria integrantes do Movimento dos Trabalhadores Desempregados - MTD, da Pastoral da Juventude Rural e uma minoria de universitários). Neste acampamento nasce o Levante Popular da Juventude que se apresenta para lutar por educação, cultura, trabalho e lazer, estabelecendo a democratização do acesso à universidade como prioridade, defendendo a mudança na composição social da universidade pública com a entrada de negros e filhos de trabalhadores (LUCENA, 2017).

Nos anos seguintes, o movimento dedicou esforços para nacionalizar a sua atuação, organizando e participando de formações políticas ligadas a Via Campesina e coletivos de juventudes espalhados pelo Brasil. Nessas iniciativas expressões como maracatu, teatro, literatura, grafite e música foram alguns dos recursos metodológicos utilizados.

Segundo Thiago Pará, da direção nacional do Levante, em entrevista a Rede TVT⁷, o marco de nacionalização do movimento foi a realização do 1º Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude, sob o lema: "Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular!". O evento reuniu aproximadamente 1.300 jovens, de 15 estados brasileiros, na cidade de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul em 2012.

Na mesma entrevista, Pará segue afirmando que a visibilidade nacional veio com a realização simultânea de escrachos aos torturadores da Ditadura Militar em 7 estados brasileiros⁸. A iniciativa foi inspirada por movimentos semelhantes no Chile e na Argentina.

⁴ Para saber mais ver <https://viacampesina.org>

⁵ Para saber mais ver www.mst.org.br

⁶ Para saber mais ver www.consultapopular.org.br

⁷ Pará concedida a TVT, em 26 de abril de 2016, disponível www.youtube.com/watch?v=8ivnr09RM_Y, acesso em 30 de junho de 2018.

⁸ Embora a pesquisa não estivesse no nosso horizonte, participamos do Escracho, em Fortaleza - Ceará, realizando cobertura jornalística. A ação denunciou José Armando Costa que foi delegado da Polícia Federal na capital cearense no início da década de 1970 e que atualmente possui em um grande escritório de Advocacia no bairro aldeota (local onde aconteceu o escracho).

Aconteceu entre os meses de março e abril de 2012, por ocasião do aniversário de 48 anos do golpe militar de 1964. Os jovens do Levante realizaram atos em frente as casas e/ou locais de trabalho de policiais e militares que atuaram na repressão dos movimentos durante a ditadura militar. As ações denunciavam a impunidade e exigiam o direito a *Memória, Verdade e Justiça* para as famílias das vítimas e para o país.⁹ Um mês após os escrachos foi instalada a Comissão Nacional da Verdade, que tentou recuperar a memória histórica dos que tiveram seus direitos violentados pelo autoritarismo do Estado, particularmente nos anos de 1948 a 1988 (LUCENA, 2017).

Depois dos escrachos e do primeiro Acampamento Nacional, o Levante se expandiu rapidamente nas periferias urbanas e principalmente nas universidades. Levantamos a hipótese, que merece melhor aprofundamento, sobre a relação desse crescimento com as políticas de financiamento estudantil, cotas sociais e para negros nas universidades públicas. Nos últimos anos temos assistido um reacenso das lutas estudantis, haja vista às ocupações das universidades e das escolas públicas no ano de 2016. Apontamos que Levante tem consolidado sua atuação nesse contexto, assim como outros movimentos de jovens.

2. Hegemonia cultural como estratégia de dominação

Antes de desenvolver como a TPD pode ser percebida na prática articulatória do LPJ, compreendendo que a disputa de poder está relacionada com a disputa de hegemonia, vejamos de onde vem o debate por Laclau e Mouffe (2001).

A partir de sua teoria do Estado Ampliado, Gramsci (1999) diz que o Estado está a serviço da burguesia, e para manter seus interesses exerce seu poder coercitivo por meio de aparatos jurídicos e militares. Entretanto, a coerção só se torna perene porque atua em conjunto os que ele nomeou serem os *aparelhos privados de hegemonia* (mídia, escola, Igreja, partidos, sindicatos e instituições culturais como museus, nomes de rua e etc). É por meio deles que se legitimam (ou se contestam) a dominação.

Assim, a disputa pelos aparelhos privados de hegemonia abre a possibilidade de contestar a ordem vigente. Para que isso aconteça é preciso que os sujeitos políticos,

⁹ Sobre os atos, confira matéria do jornal O globo "Jovens constroem militares e policiais da ditadura, a mobilização ocorreu em diversas capitais e pede punição para acusados de tortura". Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/jovens-constrangem-militares-policiais-da-ditadura-4417722>, acesso em 23 de julho de 2019.

também descritos por Gramsci como intelectuais orgânicos, constroem processos em que as massas se libertem das ideologias tradicionais, para superar o sistema de significados e valores gerados pelo capitalismo e assim organizem uma nova cultura. (COUTINHO, 2014).

Esse seria um processo de cisão,¹⁰ escreve Gramsci:

O que pode-se contrapor, por parte de uma classe inovadora a esse complexo formidável de trincheiras e fortificações que garantem a hegemonia cultural da classe dominante? O espírito de cisão, a conquista da consciência da própria personalidade histórica. (1999.V.2 p.79)

Segundo Gramsci (1999), cabe atribuir essa nova cultura numa perspectiva sociológica pela qual não existem hierarquias entre popular e erudito, nem expressa somente um olhar antropológico sobre os modos de vidas existentes. Assim como o professor inglês Raymond Williams (2011) temos “ a cultura como o sistema de significações mediante o qual necessariamente (se bem que entre outros meios) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (p. 13).

Williams relaciona cultura às mudanças históricas nas sociedades, afirmando existir uma partilha cultural entre classes, onde erudito e popular se misturam em novas práticas. Nesse sentido, para falar de cultura atualmente é imprescindível considerar a presença das indústrias culturais e das mídias. Talvez futurando tal necessidade, o autor também refletiu sobre a cultura de massa como resposta à industrialização, transformação de culturas em mercadorias, dos meios de comunicação e produtos pensados para as massas. Nessa miscelânea, ainda que se reconheça a existência de conflitos, o autor defende um tipo de interação entre as produções das classes sociais (WILLIAMS, 2011).

Nessas interações surgem as oportunidades para embates travados pelas produções dos movimentos sociais (como acontece com o Levante Popular da Juventude) que não findam as estruturas hegemônicas, mas produzem rupturas e contradições que podem permitir avanços sociais importantes. Para alcançar essas rupturas é preciso entender como ocorrem as formas de hegemonia político-cultural. sobre a questão Gramsci destaca:

Num estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante, isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a frente teórica ou ideológica. [...] Tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa

¹⁰ Para Laclau (2005), a cisão também pode ser representada por antagonismo.

estrutura [...]: as bibliotecas, as escolas, círculos e clubes de variados tipos, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas (1999, v.2, p.28).

O trabalho com a arte, e suas expressões culturais como a música, podem ser estratégias de disputa da sociedade dominação (MOREIRA DA SILVA, 2018). Percebemos isso no Levante Popular da Juventude. Destacamos a utilização de uma ação cultural pública intencionada, a qual também podemos relacionar ao conceito de política cultural.¹¹ Pois caracterizam iniciativas e intervenções que estão além das ações estatais e das políticas públicas, procurando descolar de uma visão do público como sinônimo de Estado (BARBALHO, 2008). São como "processo posto em ação quando conjuntos de atores sociais, moldados por e encarnando diferentes significados e práticas culturais, entram em conflito uns com os outros" (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 24).

Nos ajuda pensar que a ação dos sujeitos considerados minoritários, emergentes, alternativos frente a uma ordem cultural dominante, pode ser fonte de processos políticos transformadores. Há um esforço em redefinir o poder social, relevando contrastes das culturas dominantes, mesmo que também estejam permeados por práticas assimiladas nelas. (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000).

3. Viver no entre: o papel da indústria cultural

Mesmo que realizem disputas ou fissuras dentro da hegemonia política e cultural, compreendemos que os sujeitos também se constroem a partir dos discursos hegemônicos. Isso em uma vivência de constante contradição ao defenderem ideais antagônicos da maioria. por não desprezar tal aspecto, associamos nossa análise a compreensão sobre o papel da indústria cultural na prática articulatória desempenhada pelo LPJ.

O termo indústria cultural foi utilizado por Adorno e Horkheimer pela primeira vez em 1947, na obra *Dialética do Conhecimento*, segundo o próprio Adorno inicialmente pensou em utilizar cultura das massas, mas acabou substituindo por indústria cultural. Era um tempo de declínio da hegemonia inglesa no capitalismo e ascensão da fase imperialista com a organização do capital financeiro. Assim, a principal característica da indústria cultural, foi descrita pela articulação mercadológica

¹¹ Categoria que melhor é desenvolvida na pesquisa de mestrado em curso, a qual este artigo faz parte.

entre cultura, arte e divertimento, perpetuando o sistema produtivo sobre o trabalhador, também em seus momentos de lazer (BASTOS; STÉDILE; VILLAS BÔAS, 2012).

Apesar de muitos considerarem superadas as questões trabalhadas pela Escola de Frankfurt, especialmente por Adorno e Horkheimer é inquestionável a contribuição de seus estudos para o desenvolvimento do campo de pesquisa da comunicação. Por isso, para utilizar as chaves de leituras apresentadas por eles, se faz fundamental compreender o contexto em que elaboraram o conceito de indústria cultural. Estamos falando das hegemonias exercidas regimes totalitários na Europa durante a 2ª guerra mundial. Um momento privilegiado para entender como o rádio e as artes foram utilizados para fortalecer a personalização da figura de líder de Hitler, na Alemanha Nazista, por exemplo.

Reforçamos que a leitura sobre o papel da indústria cultural na construção de hegemonias que atuam na manutenção das estruturas de dominação social permanecem atuais, mas nos parece inacabada. Ela se completa com a visão de pensadores como Walter Benjamin e Raymond Williams que descreveram o papel democratizante que o desenvolvimento das ferramentas de produção e reprodutibilidade trouxeram para a arte e a cultura (DOWNING, 2004). Os folhetins e posteriormente a fotografia e o cinema exemplificaram a complexidade das audiências produzidas pela indústria cultural.

Quando Benjamin fala sobre popularização da arte, descreve a partir de Proust como a observação da memória pode vir de maneira espontânea, permitindo refletir, ou não, dependendo do indivíduo. Ela pode oportunizar questionamentos sobre o presente para debater um passado coletivo, dessa maneira determinados aspectos do passado que antes eram imperceptíveis podem fazer sentido de repente.

Transpondo para a realidade da América Latina, Barbero, Downing e Castells atualizaram esse debate acrescentando o papel das mídias de massa no entrelaçamento com a cultura popular e com as redes de comunicação. São ideias que nos provocam refletir sobre os momentos em que a arte e a mídia podem provocar inesperadamente o pensar sobre as forças hegemônicas que moldam as nossas condições e a conjuntura política (DOWNING, 2004).

No caso de nossa análise, percebemos nos Cancioneiros feitos pelo Levante uma amostra de como paródias e ritmos populares fortemente difundidos pela indústria cultural, são utilizados pelo movimento. Por exemplo, a escolha pela paródia já nos remete a apropriação cultural como forma de propaganda das bandeiras de luta do LPJ.

Segundo Hutcheon (1985), a paródia consiste numa espécie de imitação caracterizada por uma inversão irônica, que pode ter, ou não, relação direta com o texto parodiado. É uma figura de linguagem cômica, se utiliza da intertextualidade na construção de significado de seu material. Ela é um gênero linguístico que se encaixa bem nas fronteiras entre a arte e a cultura popular, assumindo um potencial massivo por carregar a memória do produto originário.

4. Análise dos Cancioneiros

Tá julgando, tá sem prova
Diz que Lula é ladrão
Não é não
Tá pedindo, se prepara
Vou lançar a reação
Cê aguenta, tá com medo
Se escondendo do povão
Globo mentindo de novo
Enganando o povo
Sempre desse jeito
Trabalhador se ligou
E ta indo pra luta, luta, luta, luta
[Não vamos aceitar
Brasil vai parar –2x]
(Paródia da música Vai Malandra, da Anitta)¹²

A epígrafe deste tópico é uma das letras que fazem parte das canções analisadas neste artigo. Ela faz parte de um Cancioneiro, que pode ser um panfleto, cartilha ou livreto produzido pelo Levante Popular da Juventude, pensado para sua militância utilizar nas ações que nomeiam serem de *Agitação e Propaganda*¹³ dos ideias do movimento.

Apesar de aqui nos concentrarmos nos enunciados presentes nos Cancioneiros feitos pelo jovens do Levante, lembramos que nossa análise parte de uma prática articulatória que dá sentido a existência das letras. Partindo do pensamento de Ernesto

¹² Letra presente no *Cancioneiro 08/04/2018* utilizado pelo Levante Popular da Juventude nos atos realizados no mesmo dia em que o Supremo Tribunal Federal (STF) negou o pedido de *Habeas Corpus Preventivo* feito pela defesa do ex-presidente Lula. Segundo o Portal G1, manifestações em defesa da Democracia e de Lula, ocorreram no Distrito Federal e em 15 estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Pará, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/manifestantes-fazem-atos-em-dia-de-julgamento-do-habeas-corpus-de-lula-no-stf.ghtml> Último acesso em 06 de junho de 2019.

¹³ Em nossa pesquisa de Mestrado exploramos a utilização do termo *Agitação e Propaganda*, situando-o desde a concepção pensada por Lenin, até as apropriações empregadas pelos movimentos de esquerda. No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem sido responsável por atualizar esse debate. O LPJ se inspira nas contribuições desenvolvidas pelo MST, para também desenvolver um pensamento sobre sua prática.

Laclau (2005) quando menciona que o discurso se dá em um ambiente relacional no qual identidades se apresentam como universalizantes, temos que as letras do LPJ ocorrem em uma dada conjuntura política de disputas e antagonismos. É porque há resistência ao governo do Michel Temer e as circunstâncias que o fizeram chegar a presidência, que há a disputa sobre o discurso do golpe na democracia brasileira. Portanto, as letras dos Cancioneiros não existem sozinhas, elas trazem consigo toda uma musicalidade que se combina com a escolhas das palavras e com a conjuntura política. Tudo isso junto é que indicia o discurso.

A partir do contato com uma militante do Ceará, que atua diretamente na tarefa de *Agitação e Propaganda* do Levante, tivemos acesso a uma amostra de 14 Cancioneiros, com 10 a 12 músicas cada, preparados para os atos de rua de 2016, 2017 e 2018. Segundo informou a militante em entrevista preliminar, durante a etapa inicial de nossa pesquisa de mestrado, as músicas são compostas de diversas maneiras, não existe o momento de sentar e escrever como tarefa do movimento, elas surgem nas manifestações, ou nas atividades de animação das formações, ou apenas quando a turma se reúne em algum lugar. Geralmente não são identificados os autores, pois muitas vezes são pensadas de forma coletiva. Há exceções, em letras feitas por jovens que se identificam como artistas e compõem para alguma atividade específica do LPJ.

Para articular o conteúdo dos Cancioneiros com o debate político propagado pelo Levante, escolhemos verificar quais eram os temas mais recorrentes nas letras. Construímos uma tabela na qual identificamos os enunciados, os personagens e como eles se articulam com a narrativa do golpe disputada pelo Movimento. Nesse exercício, observamos que os temas também podem ser reconhecidos como demandas políticas dos movimentos sociais. Ao final da sistematização, verificamos serem cinco temas:

1. Seguridade Social e Trabalho (combate a reforma da Previdência e a reforma trabalhista);
2. Democracia, defesa da constituição e denúncia do golpe;
3. Direitos Fundamentais (saúde, educação, segurança, moradia);
3. Feminismo (desde o combate a violência contra a mulher até a defesa do direito ao corpo e ao aborto);
4. Combate ao Racismo;
5. Combate a Homofobia.

Junto com os temas, também identificamos quais os personagens ou personalidades da política que aparecem nas letras (Lula, Temer, Moro, Rede Globo e outros).

Os cinco temas identificados fazem referencia a demandas históricas dos movimentos sociais que articulam pautas identitárias, com as históricas contradições

apontadas por marxistas a partir da relação entre capital e trabalho. Utilizando os termos de Laclau interpretados por Mendonça e Rodrigues (2007) são significantes flutuantes. Isso porque são capazes de representar sentidos específicos, mas que aqui existem como elementos que articulam a totalidade. A defesa da democracia com a denúncia da existência de um golpe jurídico-militar-midiático configura essa totalidade.

Para o Levante, a democracia se apresenta como a totalidade, ou hegemonia dentro do discurso da esquerda. Ela corresponde ao que congrega os apelos dos movimentos, uma vez que não podem ser respondidos ao mesmo tempo, mas reconhecem na defesa da democracia uma condição primordial para as demais demandas encontrem possibilidade de materialização na sociedade. O problema é que nas sociedades modernas, existem diferentes concepções e experiências de democracia, por isso ela se torna também um significante vazio (MENDONÇA e RODRIGUES, 2007) dentro do discurso político.

5. Considerações finais

Em nossa análise, falamos sobre como o discurso da democracia hegemoniza as demandas reivindicadas pelo LPJ na atual conjuntura política brasileira. Entretanto, chamamos atenção de que não se trata do discurso que hegemoniza o país atualmente. Desde a eleição de Dilma Roussef para seu segundo mandato, em que obteve 51,64% dos votos válidos, até a concretização do *impeachment*, chegando na eleição de Bolsonaro, que como diziam as pesquisas, só perderia o pleito de 2018 se o ex-presidente Lula fosse candidato, temos assistido a opinião pública se dividir. É verdade que o discurso mais a direita tem comandado as diretrizes do país, mas também é incerto como ele se sustentará.

Por isso é importante o esforço de reflexão sobre as demandas e os sujeitos que encaram a disputa dos consensos na sociedade. O Levante Popular da Juventude é um desses sujeitos. Entendemos que o campo da cultura é privilegiado na disputa dos aparelhos privados de hegemonia. Esse é o território em que o LPJ tem atuado desde a sua criação. Pretendemos aprofundar essa questão em trabalhos futuros.

Sobre as letras dos cancioneiros, destacamos que seu conteúdo possui uma mensagem de fácil identificação, faz referência questões e hábitos cotidianos e tenta relacioná-los a conjuntura política atual. A estratégia bem humorada e direta, parece ser

uma característica da comum dos atuais movimentos de juventude, o que tenta se diferenciar da linguagem e dos termos comumente utilizados pelos movimentos mais tradicionais de esquerda no Brasil.

Há uma suspeita que esse seja um dos fatores de sucesso do Levante, um movimento relativamente novo, que conquistou a sua nacionalização em 2012 e cresce a cada dia. Atualmente participa do processo de ascenso das disputas realizadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), ocupando inclusive a vice-presidência da entidade. No Ceará, segundo informação divulgada por seus militantes, chega a reunir 10.000 jovens em seus acampamentos estaduais.

No livro *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*, Mouffe e Laclau (2015), apontam a existência de uma invisibilidade das experiências socialistas para o debate sobre a cultura, sobre as demandas ambientais, étnicas, feministas e de diversidade sexual dentre as necessidades surgidas no âmbito dos movimentos sociais. Apontam, conjuntamente com outras questões, essa invisibilidade com um problema para conquista da democracia radical nas sociedades.

Essa premissa, tem nos inspirado a investigar a trajetória do LPJ numa tentativa de refletir sobre a possibilidade de construir experiências que articulem as pautas identitárias, com o debate sobre a relação entre capital e trabalho e como são produzidas as desigualdades brasileiras. Experiências que transponham a barreira das liberdades individuais e as situem no lugar coletivo que elas ocupam na sociedade.

São questões que merecem um aprofundamento delicado, principalmente quando nos deparamos com a luta por democracia como um totalizante, ou significante vazio que agrega tantas bandeiras de luta. Nos próximos trabalhos, esperamos nos debruçar mais sobre a Teoria Políticas dos Discursos para explorar os limites impostos pelos significantes vazios.

Nas próximas etapas de nossa pesquisa, para além do levantamento bibliográfico, também realizaremos entrevistas semi-estruturadas com militantes da Direção Nacional do LPJ, bem como alguns produtores das ações de Agitação e Propaganda. Pretendemos confrontar esses discursos, para apresentá-los em nossa dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia; Dagnino, Evelina; ESCOBAR, Arturo. **O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos.** In: _____ (org). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 15-60.

Argentina S.A, 2005.

BARBALHO, Alexandre. **A criação está no Ar: Juventudes, Política, Cultura e Mídia.** Fortaleza; Eduece, 1. Ed: 2013.

BASTOS, Manoel Dourado; STÉDILE, Miguel Enrique; VILLAS BÔAS, Rafael. **Industria cultural e educação.** In: Dicionário da Educação do Campo. CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios.** 1ª ed. Rio de Janeiro. Mórula: 2014.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRIST, Michèle. **O delineamento de pesquisa qualitativa.** In: A pesquisa qualitativa - enfoques epistemológicos e métodos/ tradução de Ana Cristina Nasser. 3 ed. Petropolis - RJ. Vozes. 2018.

DOWNING, John D.H. **Mídias Radicais: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: Senac, 2004.

GOHN, Maria da Gloria. (2002). **Teoria dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos.** Ed. 3. São Paulo, Loyola.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere.** Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1999, 2002, v.1,2,3 e 6.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Paródia – Ensinaamentos das Formas de Arte do Século XX.** Rio de Janeiro: Edições 70. 1985.

KAUCHAKJE, Samira. **Movimentos sociais no século XXI: matriz pedagógica da participação sociopolítica.** In: JANIZE, Edineide. ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. Educação e Movimentos sociais: novos olhares. 2. ed. revisada. Campinas: Editora Alínea, 2010.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2005.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical.** Tadução de Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. São Paulo: Intermeios. Brasília: Cnpq, 2015. (Coleção Contrassensos)

-
- LUCENA, Hadassa Monteiro de Albuquerque. **Aprendizagens em movimentos sociais: um estudo a partir de narrativas biográficas de partícipes do Levante Popular da Juventude.** Dissertação de mestrado em Educação e Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2017. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/109821>, acesso em 30 de junho de 2018.
- MENDONÇA, D. de., RODRIGUES, L.P. (org.) **Pós-estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, pp.35-52.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento.** 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MOREIRA DA SILVA, Débora Bergamini. **Cultura e movimentos sociais à luz do materialismo históricodialético de Gramsci: um estudo sobre os movimentos sociais de cultura de Sorocaba/SP.** Dissertação de mestrado em Educação na Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, 2018.
- SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais no Brasil Contemporâneo. História: Debates e Tendências.** v.7, n.1, jan./jun. 2007, p.9-21, publ. no 2º sem. 2008.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell.** Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. **Cultura.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.